

HISTÓRIA DE SANTA MARIA POR DANIEL DE SÁ

III OS NOSSOS BONS VELHOS TEMPOS

Houve um amigo que uma vez se lamentou por causa da saudade que sentia dos nossos tempos antigos. Eu respondi-lhe “tens saudade não é desse tempo, é da idade que tinhas nesse tempo”. Ele concordou, mas sentiu doer a saudade mais ainda...

Mas os nossos bons velhos tempos não são apenas um lugar mítico da memória. Viviam-se com a felicidade possível. Para uns, a felicidade seria, por exemplo, que não se partisse a chaminé do candeeiro de petróleo; para outros, que a electricidade não faltasse.

Não sei porquê, acodem-me à memória os embarques e desembarques no cais de Vila do Porto. Um verdadeiro **cais dos medos**. Tu não sabes isso o que é, porque, quando foste fazer o exame de admissão aos Liceus e o do 2º Ano a Ponta Delgada, foi de avião que viajaste. E tinhas gente de família à tua espera, que te levou de automóvel para a cidade. Mesmo assim, com certeza que a tua mãe chorou quando te viu partir.

Lembras-te bem, e até os conhecestes melhor do que eu, dos minúsculos “Dove”, com capacidade para oito ou nove pessoas. A não ser quando o senhor Óscar Arruda combinava fazer uma viagem a S. Miguel com três amigos de peso semelhante, todos muito acima dos cem quilos. O voo ficava fechado com os quatro somente. Mas muito poucos podiam viajar de avião nesse tempo. Uma passagem para S. Miguel custava mais ou menos metade do ordenado mensal de um trabalhador da Direcção do Serviço de Obras, e para Lisboa equivalia a vencimento de ministro. Por isso o Estado só pagava viagem de barco aos próprios deputados da Assembleia Nacional.

Talvez nunca tenhas tido a curiosidade de descer pelo menos até ao forte de São Brás para assistir à aventura das chegadas à ilha ou das

partidas. Se o mar estava calmo, os iates do Parece encostavam e nada de especial acontecia. Mas uma das ideias que mais me ficaram marcadas para sempre foi a de um pequeno bote sem remos. Com vaga alta, o iate lançava âncora a umas dezenas de metros de terra, e entre ele e o cais era amarrada uma corda, a que dois marinheiros se agarravam. Com os pés bem fincados no fundo do bote, iam ao mesmo tempo controlando o equilíbrio dele na crista das ondas e puxando-o para a frente.

Tenho tão nítida essa imagem como a dos embarques nesses dias de mau tempo. Vejo uma mulher jovem, com um casaco comprido muito justo e cingido na cintura bem marcada. Na escada do cais, dois marinheiros para ajudar, e outros dois no bote. As ondas subiam alguns degraus, e a senhora fugia da água, várias vezes, até se conseguir um momento em que o mar ficasse chão entre duas vagas. Então os marinheiros de terra pegavam nela pela cintura e pelos braços, e quase a atiravam para ser recebida pelos que estavam no bote. A cena repetia-se por cada passageira. Cheguei a pensar que o tempo talvez me tivesse deformado essas recordações. Até que um dia assisti na RTP/A a um documentário do Pepe. Era exactamente como eu continuara a ver durante todos estes anos.

O Pepe! A ilha teria sido outra sem ele. Teria sido outra nesse tempo e teria sido outra na memória viva que ficou de então. Ele registou tudo em fotografia ou filme animado. Os rostos, os factos, as paisagens. Homem de mil ofícios, nesta minha freguesia da Maia, em São Miguel, e nas outras à volta ainda é lembrado como artista de circo. Ninguém sabe o nome de mais nenhum dos da companhia, só o seu permanece, quase mítico. Apostou a vida pela vida. Ele apostava em tudo. O Max, seu filho, que lhe herdou a missão e a arte, conta que uma vez chegou a apostar com um amigo uma corrida de moscas! Arrancaram as asas a um par delas, cada um à sua, puseram-nas sobre

uma mesa de bilhar, e ficaram a ver qual a que chegava primeiro ao fim da pista de veludo verde.

O sofrimento da travessia diminuiu quando o “Cedros” e o “Arnel” começaram a fazer a carreira entre Santa Maria e São Miguel. Com as passagens bem mais caras, mas valia a pena. Se a memória não me engana, nos Parece pagava-se 19\$80, e naqueles, da Insulana, a viagem custava 60\$00. O “Arnel” teve vida breve. Fez a sua última viagem num dia de Outono de 1958. Naufragou nos baixios dos Cabrestantes, como bem te lembrás. Por causa do cansaço do marinheiro do leme, que adormeceu tombando para a direita. Pouco depois, o barco encalhava. Ninguém teria morrido se, contra a vontade do próprio comandante, não tivesse sido deitado à água um barco salva-vidas. Quando ele já estava cheio, uma onda subiu, elevando-o muito. Ao descer, soltou-se dos ganchos de um dos lados, ficando pendurado nos outros, e assim despejou na água todos os ocupantes. Morreram catorze pessoas, incluindo um marinheiro, o único cujo corpo não apareceu. Ficou sepultado no mar, como a tradição manda para os mareantes que morrem em serviço... A ilha não estava habituada a tragédias. Nem eu a ver desaparecer pessoas de quem gostava muito, como foi o caso do jovem padre Artur, capelão do Aeroporto. A capela de Nossa Senhora do Ar era para as gentes de Santana a sua igreja paroquial, e ali muito aprendi dos caminhos que unem o Céu e a Terra. E, no entanto, todos os demais passageiros aguardaram em segurança os meios de resgate, constituídos por um cabo de vaivém ligado a terra, uma lancha que ia viajando entre os Cabrestantes e o porto, e dois helicópteros – um americano e outro português – que vieram da Base das Lajes. Quanto ao “Arnel”, esse ficou sempre de pé, sereno, deixando-se destruir pelo mar ao longo de meses e anos.

Mas, se estes novos barcos apressaram a viagem e lhe deram algum conforto, os homens arranjam maneira de nos fazer sofrer mais

do que o necessário. Era frequente que tivéssemos de embarcar antes das dez da noite, hora a que a PIDE acabava as suas funções. Pois é, nesse tempo havia **passaporte** obrigatório e **alfândega** entre as ilhas! E para ali ficávamos toda a noite, num enjoo muito pior do que o da viagem, enquanto se descarregava e carregava o navio, e só saíamos depois das sete da manhã, quando voltava a polícia que defendia o Estado, mas não todos os cidadãos. Ou porque só então é que o porto abria para uma nova jornada. Para o efeito de desumanidade tanto faz. Os animais não eram tratados com mais respeito do que nós, mas ao menos não tinham consciência disso.

O passaporte talvez pudesse explicar-se, mas não justificar-se, com a procura de gente das outras ilhas, sobretudo de São Miguel. Porque eram muitos os que tentavam a sorte de um ordenado garantido trinta dias por mês nas obras do aeroporto e suas estruturas de apoio, dirigidas pela Pan American por contrato com o Governo americano para fazer crer ao Mundo que aquele não seria de uso militar. Ganhavam ali o triplo ou o quádruplo do que nos seus ofícios. Santa Maria passou de pouco mais de oito mil habitantes em 1944 para cerca de doze mil em 1950. Neste ano, e pela primeira vez no século XX, o número de homens superou o de mulheres. Até à década de 1940 havia grandes diferenças, em boa parte devidas à emigração para a América, que no entanto vinham sendo atenuadas já, pois o século anterior acabara-se com um total de 3568 mulheres para apenas 2818 homens, enquanto que em 1940 havia 4122 mulheres e 3905 homens.

Muitos dos que procuraram a fortuna dos pobres, que era ter pão garantido e pouco mais, eram rapazes por casar ou homens que deixaram a família na sua ilha. Por isso havia o pavilhão dos solteiros, onde o meu colega Jaime de Braga Figueiredo, de Santa Bárbara – lembrás-te dele? –, dormia com um irmão.

Era tempo também da **censura militar**. As cartas que meu pai escrevia chegavam com grossos traços negros que obliteravam qualquer frase que contivesse a mais ténue transgressão ao que fora disposto pelo Comando Militar dos Açores, em 1942. Estavam proibidas referências a actividades militares, ao estado moral da tropa e da população civil, ao ambiente político e à simpatia manifestada por um ou outro dos lados em confronto no maior conflito mundial de sempre. Ainda assim, a Rádio Moscovo chegou a noticiar que as classes privilegiadas do Aeroporto se banhavam na piscina enquanto muita da população sofria escassez de água.

Para podermos juntar-nos a meu pai, foi com **carta de chamada**, como as que até então só se sabia que existiam vindas da América...

Mas o **choque económico** também teve consequências negativas, sobretudo para a agricultura. E, como nem todos podiam empregar-se no Aeroporto e os preços subiam de maneira assustadora, a Câmara Municipal criou um fundo para subsidiar os que foram obrigados a continuar vivendo da jorna no trabalho da terra. E quem para tal fundo descontava eram os próprios operários do Aeroporto.

A charneca estéril, onde pouco mais houvera do que juncos e murtas, tornara-se numa mina de riqueza para muita gente. E até árvores e flores haveriam de surgir um pouco por toda a parte, nem que para isso tivesse de ser trazida terra dos matos.

Mas acabei por falar mais de dias difíceis do que de outros, apesar de me ter proposto lembrar os nossos bons velhos tempos... Pois é, ou pois foi. É que nesse tempo eu podia brincar aos índios e cowboys... E era maravilhoso fazê-lo na mata de Monserrate, que tinha ao lado a velha ermida de Nossa Senhora com aquela invocação, pouco acima da Roça das Canas, onde João da Maia vendeu uma propriedade a João Tomé – aquele de que ficou o nome na Chã, em São Pedro – em 1492.

IV IMPÉRIOS

Tenho vindo sempre a dizer “Aeroporto”, quando, pelo menos uma vez por outra, não me teria ficado mal dizer “Campo”. Era isto que ouvia à generalidade das pessoas do povo, e eu deveria talvez ter respeitado o seu modo de falar. Não sei como seria em tua casa, gente fina, da velha burguesia mariense, vinda de um tempo muito anterior a esta palavra – “mariense” – que só começou a ser usada no século XIX, tal como todos os outros adjectivos gentílicos açorianos.

A tua família era distinta, sim. Por isso teu irmão foi menino da mesa no Império de Santo António, coroando em vez do Imperador, uma honra só concedida a famílias ilustres. Foi no ano em que fez dez anos, não foi? Antes não podia ser, como sabes, porque para esse cargo só se convidam meninos entre os dez e os doze anos. Terá sido recebido na porta da igreja pelo pároco, enquanto os sinos repicavam. Depois, acompanhado de mais duas ou três crianças, foi levado pelo trinchante até aos degraus do altar, ajoelhando no último. Aí foi coroado pelo senhor padre Virgínio, depois de receber o ceptro que antes beijara. E foi aspergido com água benta e incensado enquanto se ouvia o “Veni, Creator Spiritu”.

Quanto à minha família... Meu pai foi servente do único império que me lembro de ter havido em Santana, na ermida de Nossa Senhora da Boa Viagem, com o cargo de cozinheiro...

Tenho saudade desses impérios, que têm quase a idade do povoamento da ilha. E que por isso mantêm a memória de uma receita culinária de antes da chegada das especiarias orientais. A carne, cortada em grandes pedaços, é temperada apenas com sal e cozida durante várias horas. Depois, com o caldo ainda meio fervendo, põe-se-lhe dentro hortelã e endro. E assim se faz a carne mais saborosa de quantas já provei até hoje!

Será só saudade?... Penso que não. Há uns pares de anos, passei no Norte com um grupo de amigos comandado pelo José Humberto Chaves, na altura presidente da Câmara. Acompanhámos durante alguns minutos o desfile dos carros de bois a caminho da copeira. Como sabes, aquele bucólico lugarejo não tem muito mais do que uma dúzia de casas, mas iam oito carcaças no carro da carne. O suficiente para a ilha inteira! Voltámos lá, ao caldo da meia-noite, essa espécie de ensaio geral para a função do dia seguinte. Garanto-te que as sopas, comidas já às duas da madrugada, tinham o mesmo delicioso sabor dos nossos bons velhos tempos.

No entanto, o aspecto das copeiras era sombrio, algo soturno até. As mesas enchiam-se de manhã à noite, muitas vezes com gente com fome a sério, outras com alguns que andavam por ali perto e não tinham conseguido escapar às mãos dos agarradores, os últimos na escala da imperial hierarquia, cuja função era garantir que nas mesas não houvesse um único lugar vago. Nem que tivessem de recorrer à força. Mas, oh! milagre, havia também sempre um lugar no estômago onde cabia mais um bom naco ou dois de carne, postos sobre fatias de pão endurecido e no qual fora vazado aquele caldo generoso que depressa enchia os lábios de gordura. Entretanto, os serventes da mesa não se descuidavam, para que nada faltasse. Ora traziam mais sopas, mais caldo e mais carne, ora iam andando à volta servindo o vinho a todos no mesmo copo. Sabes bem como este ficava logo besuntado! Viam-se ao longe as marcas da gordura. Mas o Espírito Santo, a quem iam sendo dados louvores, bem como ao imperador, decerto vigiava a nossa saúde e afastava os escrúpulos que alguém pudesse sentir.

Agora, embora no essencial nada tenha mudado, deixou de haver agarradores, os copos são de plástico e individuais, há água quente na cozinha para lavar a loiça, e, para além do imprescindível vinho, não faltam os refrescos da moda.

Nesses dias o mordomo, apesar de ser chamado imperador, pouco ou nada mandava. Uma verdadeira democracia. Até nas filas para entrar na copeira não havia senhorias, era tudo igual, cada um na sua vez. Como muito bem escreveu, em 1920, o padre Joaquim de Chaves Cabral: “A ficção liberal – o rei reina mas não governa – do constitucionalismo acha a sua plena realização nos impérios marienses.” Mandam todos os outros, sobretudo o trinchante, com o seu lenço de seda branca, ou colorida, ao pescoço. Tem a seu cargo a suprema Basta-lhes o título de cozinheiras, que império em que elas não sejam da melhor qualidade é para recordar, por excepção, durante a vida toda.

Estou a esquecer-me de alguma coisa? Nem pensar! Uma das recordações mais fortes dos meus impérios de Santa Maria são os foliões. No aspecto, em pouco diferem dos companheiros da equipagem, com o lenço colorido à volta do pescoço. Um toca o tambor e outro os ferrinhos ou uns minúsculos címbalos, indo ao meio o porta-bandeira. Eles merecem todas as atenções, nada acontece sem a sua presença antes do dia da função e, durante esta, de manhã até à noite ouve-se aquela toada mourisca que vão como que ronronando sempre. De nada serve aclarar-lhes a voz de pouco a pouco com gemadas em vinho e açúcar, servidas numa tigela. É mesmo assim a tradição, só se percebe de quando em quando um “Senhor” ou um “imperador”, mas pouco mais. Nem é preciso. A presença da folia é fascinante. Eu era capaz de ficar horas seguidas a olhar para os três foliões, a ouvi-los sem os entender, e mesmo assim nunca me cansava.

Em sua honra e de Nossa Senhora da Boa Viagem, da minha Santana que os perigos dos piratas não permitiram que fosse vila, aqui deixo uma velha quadra que o padre Joaquim de Chaves Cabral registou: “A Virgem pura dos Anjos/ Manda o seu resplendor/ Esperar a Boa Viagem/ Mai-lo nobre imperador.”

Há quem diga que no tempo não há longe, que o longe é um conceito do espaço. Mas há, sim, e o único a que nunca se pode voltar. Pois a festa de Pentecostes vem de muito longe. Esta devoção à fraternidade talvez seja a versão cristã da Festa das Semanas dos responsáveis da carne, que pode ser de até umas oito reses ou mais, dirige todos os restantes membros da “equipagem”, e é ele que distribui o pão de mesa e as roscas. Aquelas formidáveis roscas, de massa só ligeiramente adocicada, que encham de colorido a procissão. As raparigas desse tempo, habituadas a transportar à cabeça água, lenha e qualquer taleigo, não teriam dificuldade em desfilar com eles, nem com os enormes pães da mesa, mais insípidos, dos quais os mais pequenos eram os de alqueire, cerca de doze quilos de farinha. Para os cozer, todos os fornos foram feitos com uma pedra amovível na boca, o que demonstra a devoção geral ao Espírito Santo. Para requintada delícia, não é costume faltar o pão leve, os biscoitos encanelados e os biscoitos de orelha. Pelo menos estes são receita mariense já com fama nacional.

Abaixo do trinchante, também dito presidente, vem o mestre-sala, o primeiro dos três briadores, que acompanham todos os momentos mais importantes da função. São rapazes escolhidos entre os de melhor fama do lugar. E há o copeiro, que põe e dispõe na copeira, e a quem pertence a alta responsabilidade do vinho. Lá no fim da lista, aparecem os serventes ou ajudantes, que são o pau para toda a obra, e que andam e desandam num corrupio à volta das mesas servindo os comensais.

Faltam as mulheres? Qual quê! Sabes bem que não. Essas são absolutamente indispensáveis! A elas pertence a maior parte dos segredos da cozinha e todos os do forno. Hebreus, que a herdaram da Festa das Colheitas dos Cananeus. E há quem veja no culto ao Espírito Santo, de Alenquer a Santa Catarina, passando por Santa Maria para viajar com os emigrantes açorianos de meados do século XVIII para o Brasil, uma mistura de rituais pagãos com a essência do Cristianismo.

Talvez porque o Divino tenha sido pagão na Terra de Canaã, judeu em Israel e cristão aqui: Deus universal!

Confundi-te? Desculpa, eu explico.

Quando os Hebreus se instalaram na terra que hoje é conhecida como Palestina, o povo que lá vivia, os Cananeus, tinha uma festa em que celebrava a abundância das colheitas. Como alguns dos costumes cananeus foram assimilados pelos Hebreus, a memória daquela permaneceu na Festa das Semanas, assim chamada por ser celebrada sete semanas depois da Páscoa. Com a dispersão de muitos judeus – a Diáspora – no tempo do domínio da cultura grega, a Festa das Semanas ficou a ser conhecida também como Pentecostes, o que significa “o quinquagésimo dia”. Ora a vinda do Espírito Santo aconteceu num Domingo de Pentecostes. E a tradição cristã manteve sempre, através dos tempos, uma grande devoção à Terceira Pessoa Divina, tida como a manifestação do Amor. A rainha Santa Isabel introduziu em Portugal as festas em honra do Espírito Santo, em Alenquer, cuja primeira finalidade era honrar os pobres. E honrá-los não apenas com esmolas, mas coroá-los simbolicamente na pessoa de três crianças, uma como imperador e as outras duas como reis. Esta era uma representação do “império” do Espírito Santo, e daí deriva o nome destas festas que, embora continuem a existir no Continente português, foi nos Açores que ganharam a condição de parte integrante da definição cultural de um povo. Consta que a Rainha Santa e o próprio rei D. Dinis emprestavam as suas coroas para as cerimónias na igreja e a procissão.

V

Uma das minhas recordações mais antigas é a de uma tarde de um dia passado ali. O vinho doce já começara a fermentar, e fiquei meio tonto. Consta que cambaleava... Lembro-me de ver meu pai, minha mãe e minha irmã a rirem de mim, sem eu perceber porquê. Mas a lembrança mais antiga de todas é a de uma visita ao navio onde meu tio

Afonso e a minha tia Lúcia iam para Lisboa, a caminho de Angola. Não foram autorizados a desembarcar, como se estivessem numa terra estrangeira. Guardo apenas a imagem de uma sala que balançava – era o camarote – sem qualquer outro pormenor. Mais concreta, a primeira com alguma nitidez, é a recordação da visita da imagem peregrina de **Nossa Senhora de Fátima**. Havia uma grande multidão e muitos foguetes enchendo a noite de luz e de estrondos. Se algum lugar merecia essa visita, era a tua ilha. Não apenas por se chamar Santa Maria, mas porque, como sabes, foi nela que, em 1926, se construiu o primeiro templo em honra da Virgem de Fátima fora da Cova da Iria. Foi ideia do bondoso padre Virgínio Tavares, uma ermida levantada sobre uma colina a que se sobe pelos cento e cinquenta degraus do rosário da escadaria. E esse sítio das Feteiras de S. Pedro passou a chamar-se Fátima, a segunda em Portugal.

Azul, verde, vermelho, amarelo

À paisagem mariense, austera e bela, desigual e majestosa, corresponderam os homens com delicadeza, como que pedindo licença para ferirem vales, montes e planície com a sua presença abrigada. Só na Vila sempre foram comuns as casas grandes, como a tua. Guardadas por aqueles formidáveis penhascos em que ela assenta, fortaleza natural contra inimigos vindos de longe. No campo e na serra eram raras: alguma mansão solarenga, um ou outro atrevimento moderno ou de serviço público. Só isso. E há igrejas que parecem curvadas perante Deus e a Natureza.

Casas feitas à medida humana. Com uma ténue semelhança de serem humanas elas mesmas, na frequência de fachadas só com uma porta e duas janelas. Até as **chaminés** mais antigas não se erguem muito acima dos telhados. As redondas vão um pouco mais alto, na sua elegância de navio a vapor. E pensa-se que foram brasileiros de torna-viagem que, para a sua construção, se inspiraram nas chaminés dos

transatlânticos que os traziam de novo à ilha. Por isso lhes chamam chaminés de vapor. Em Santana, no meu tempo, haveria apenas umas três ou quatro. O que quer dizer que todas as outras casas seriam provavelmente ainda do século XIX ou princípios do XX, mantendo as chaminés de mãos-postas, como que pedindo aos Céus a bênção para o lar, o forno e o fumeiro.

Essas chaminés “de vapor “ provocaram uma interpretação errada que ainda hoje persiste, mesmo entre pessoas cultas. Bastaria saber a época a que pertencem para se pôr de parte a apressada tese. Por causa da sua ligeira parecença com as do Algarve e do Alentejo, houve quem as visse como herança das gentes do Sul do Reino. Coincidência somente.

Ora repara nisto que o jovem arquitecto mariense Ricardo Martins de Freitas diz das casas de Santa Maria: “A pureza estética é a alma da casa típica de Santa Maria. Tudo porque a consideração do ‘belo’ – sempre muito difícil de obter de um artista ou conhecedor de arte – se lhe colou, talvez como reflexo natural do facto de ter uma génese quase escultórica... ser mesmo uma escultura!” Bonito, não é?

Se das povoações açorianas algumas merecem que se as compare a um presépio, é aqui que a comparação será mais acertada. A começar por **Valverde**, logo à saída da Vila. Aquilo é mais um precipício do que um vale, e bem sabes como o nome parece uma ironia, pelo menos durante os meses mais quentes. Mas que majestade! Seria bom lugar para um ermitério, se não fossem os casais pontilhando a grandiosidade do espaço.

Mas o presépio perfeito é **Santa Bárbara**, com as suas casinhas espalhadas por cerrados e outeiros, emolduradas por barras de azul-anil nas empenas, portas, janelas e ao rés do solo. Se o Valverde estará próximo da cor de Belém, nesta freguesia serrana, onde a ilha parece outra, já coberta de vegetação abundante a que não falta a laurissilva,

basta imaginar umas leivas de musgo à volta do povoado para se ter a visão da maneira mais tradicional de armar o presépio nos Açores.

Pensas que exagero? De maneira nenhuma! Nós é que estávamos tão habituados a tudo isto que nem dávamos pela sua intensa beleza. Todos os visitantes deveriam poder ver os lugares aonde vão com olhos de saudade, porque só vista por eles a verdade se transfigura até à sua dimensão total.

A gente vem por ali abaixo, e tudo muda de repente, sem aviso. Apesar de já termos dado por isso na subida, a repetição não deixa de nos surpreender. E, por mais vezes que se suba e se desça, o efeito não cansa. Esta ilha é mágica!

Sabes que mesmo que nos levem para **Santo Espírito** de olhos fechados – o que seria um crime contra a natureza da paisagem –, abrindo-os lá basta olhar para as barras, as “vistas”, de uma casa que cumpra o preceito e logo descobrimos onde estamos. É que, se em Santa Bárbara elas são de azul-anil, aqui são verdes, a anunciar a serra. A igreja paroquial, dedicada a Nossa Senhora da Purificação, é uma pequena jóia barroca, cujas últimas obras datam do século XVIII, tendo-se rezado desde o XVI no templo primitivo. E terá sido neste lugar, no sítio de Santo António, que foi celebrada a primeira missa em honra do Espírito Santo, do que resultou o nome do povoado. Uma ligação, na distância do tempo e do espaço, a Alenquer e à Rainha Santa.

Em Santo Espírito há dois museus, pelo menos. Um que o é, de facto, outro que vale como se o fosse. Para memória futura, uma velha casa guarda utensílios do trabalho de cada dia e o mobiliário simples de antigamente. Um “antigamente” a que já pertence o nosso tempo na ilha, quando por exemplo o trigo ainda era debulhado nas eiras, pelos trilhos seculares, normalmente puxados por vacas, e que carregavam pedras e crianças (era uma festa!) para fazer peso. A outra espécie de museu é o miradouro da Vigia da Baleia, no caminho para a Maia, que

lembra que em Santa Maria, como em todas as outras ilhas dos Açores, a aventura daquela caça também garantiu melhor sustento a muita gente.

Se Santo Espírito e Santa Bárbara são a serra, ou à serra pertencem, **Almagreira** é o seu anúncio, alongando-se pelos contrafortes. O nome revela a abundância dessa espécie de argila, o almagre, com que os oleiros vidravam o barro. Por isso as barras das casas da freguesia exibem geralmente o seu belo tom de vermelho.

Ao contrário da zona baixa da ilha, como na minha Santana, a agricultura não exauriu o solo por desregrada utilização. Ali floriram muitos laranjais. E poderia produzir-se tantos cereais como outrora, restando desses tempos as matamorras, covas onde se escondiam as provisões de boca que queria proteger-se dos ataques de corsários e piratas.

Terra de águas desejadas: a salgada, da Praia, onde o grande campo santo que o mar também é vem morrer calmamente na areia branca; e a da fonte de Maria Feia, doce e santa, na Carreira, a caminho do Valverde.

A igreja paroquial de Nossa Senhora do Bom Despacho não tem histórias de milagres públicos para contar, como consta das ermidas dos Anjos, da Glória ou de Santa Bárbara. Mas a sua construção foi um caso de admirar: tendo sido posta a primeira pedra dos alicerces em 12 de Maio de 1859, já em 27 de Novembro do mesmo ano se rezava nela missa cantada, com acompanhamento de piano.

São Pedro é a freguesia das casas coloridas de amarelo-torrado, sobre o fundo branco comum às outras três. Uma das zonas mais férteis de Santa Maria. Esta é a terra dos meus primeiros quatro anos como mariense. Foi um par de meses na Ribeira do Engenho, depois a casa do Sr. Armando Monteiro, e, finalmente, mais seis meses, outra vez na Ribeira do Engenho, numa casinha com as telhas à altura da estrada e quase colada a ela. Ali vi um dos dois mistérios da água que em São

Pedro mais me maravilharam. Assisti à abertura de um poço, muito perto da nossa casa. Eu não imaginava como uns metros abaixo do chão, seco, agostado, haveria de brotar alguma gota. Mas a verdade é que a certa altura começou a notar-se uma ligeira humidade. Então as paredes do poço foram forradas com pedras, para que por entre elas luzisse uma espécie de suor, como se a terra reagisse como nós àquele sol que mesmo *baixinho também queima*. O outro mistério, quotidiano, fora ao pé da casa do Sr. Armando Monteiro. Havia uma fonte no chão, contida por uma pia rectangular de pedra. A água estava sempre ao mesmo nível, sem extravasar nunca. Ela descia, quando tirávamos alguma, e logo recomeçava a subir, devagar, até encher de novo a pia. Este mistério eu nunca quis desvendar, para ainda hoje o ter como pequeno milagre.

Outras casas havia que recolhiam a chuva em cisternas. É que, bem sabes, as freguesias não tinham água canalizada, como a Vila e o Aeroporto, ainda que a deste viesse de uns furos de generosa abundância feitos para os lados das Covas, em Almagreira.

São Pedro é o primeiro lugar do Mundo com que se tecem as memórias da minha vida. Devo-lhe isto para sempre. Assim é.

Praia – Maré de Agosto

Noite de Lua cheia. Boiando sobre as sossegadas ondas que docemente vinham acabar-se na areia branca, uma mulher de longos cabelos de oiro parecia ondular também. O tronco nu era de uma perfeição raramente vista. E o seu rosto tão suavemente belo que um pescador, deslumbrado com a visão, não sentiu qualquer lascívia a perturbar-lhe o encanto.

Ela aproximou-se. Quando já estava muito perto, o homem percebeu, cheio de temor, que o seu pescoço estava desfigurado pelo que pareciam ser guelras. E, da cintura para baixo, era igual a um peixe. Na aflição de quem julgava ter o Diabo ao pé de si, esconjurou a aparição.

No mesmo instante, a mulher, que um qualquer poder maléfico transformara em sereia, voltou à perfeição da forma humana. Não sei se conhecias esta lenda, que não nos diz se os dois se casaram e viveram felizes para sempre. Mas podemos imaginar-lhes esse destino ditoso. Esta praia merece que a felicidade a contemple. Tão bela é que Luís Teixeira lhe chamou “Plaia Hermosa, no castelhano arcaico que consta em todo o mapa que fez dos Açores em 1584.

Que ela é formosa percebe-se logo à primeira vista. Por isso dispensa o adjectivo, que nunca foi usado pelos naturais da ilha. Mas Luís Teixeira boas razões teria para não se ficar pelo simples nome de Praia. E ele conhecia todas as dos Açores, sem dúvida, porque, na legenda que explica o mapa, dedicado a Felipe II de Espanha e primeiro de Portugal, escreveu em latim: “Estas ilhas foram percorridas com a maior diligência, e com todo o cuidado as descreveu o português Luís Teixeira, cosmógrafo da Majestade Real. Ano de Cristo de 1584.”

Desde 1986 a Praia deixou de pertencer apenas aos marienses. O Festival Maré de Agosto transformou-a em património açoriano e nacional, tornou-a conhecida um pouco por quase todo o Mundo. Ali se juntam músicos que tanto podem ser dos Açores como do Continente Português, da Jamaica como da Irlanda, da Guiné como de Espanha. E tanto se ouvem os blues como o fado, porque o espírito do Festival está nesse sentido de universalidade que, talvez melhor do que qualquer outra arte, a Música inspira. Por isso a população da ilha duplica nesses três dias de fraternidade. Até a baía da Praia muda de nome, passando a ser Praia Formosa. E contra isto nada podem os que sempre a chamaram Praia somente

Mas a “Maré de Agosto” é muito mais que o festival. É o nome de uma associação que promove a cultura durante todo o ano. E, para não ofender os vivos com o louvor de alguns somente, recordo a memória de

um dos mais talentosos dos seus criadores e grande artista, Mário Mariante.

É também na Praia que vão pagar-se promessas a Santo Amaro, oferecendo-lhe braços, pernas ou corpos inteiros, moldados em massa adocicada, conforme a doença para cuja cura ele intercedeu perante Deus. No entanto, a sua ermida chama-se dos Remédios, porque à água que nela corre se atribuem poderes salutares.

“Bagatelas”

Não, não pensei em ninharias quando escrevi bagatelas. Faço-o evocando as deliciosas peças para piano de que Beethoven foi o compositor mais famoso. Se fossem flores, seriam talvez miosótis... E bagatelas serão os povoados maneirinhos que, como que repetindo um dos nomes populares daquela flor, parecem dizer-me com insistência “não-me-esqueças”...

Não os esquecerei. E, se não os convoco todos pelas palavras, ouço-os naquele balbuciar de tímida e imaginada insignificância. Faltam a uns as velhas papoilas para de novo serem ridentes, e em outros há míngua de gente para serem completos. Os tempos modernos não cabem na pequenez das coisas perfeitas...

Por onde começar? Como falar dos Lagos sem ofender as Lagoinhas?... Como louvar o Lournal sem magoar a Fonte do Jordão?...

Não vou cansar-te neste regresso ideal a casa. E lavo as mãos na água milagrosa da sacristia da Glória, para escolher apenas um sítio como exemplo e purificação. Por nenhuma razão que o torne especial entre os seus pares. Apenas por uma espécie de remorso. Remorso próprio e sabe Deus se por velhos pecados de outro...

Falo de Malbusca, onde nunca estiveram nem os meus pés nem os meus olhos. Esse é o meu remorso ou a sua causa. Mas talvez também aquela reserva de mistério que convém à imaginação. Dos lugares vistos, sabemos a paisagem; os outros são um pouco o que queremos que eles

sejam. De certo modo somos também os arquitectos de quantas Malbuscas gostaríamos de conhecer.

Valho-me novamente das palavras de outro, porque agora não tenho minhas para dizer. O meu amigo João de Melo, o brilhante escritor que nasceu a cinco anos e dezassete quilómetros de distância de mim, escreveu acerca de Malbusca, entre parênteses, como quem guarda um *segredo das ilhas*: “em nada destituída de beleza: primeiro um extenso cabo, depois o presépio das poucas casas entre o milho, com suas graciosas chaminés...”

Vês? Também ele diz presépio...

Agora o meu remorso alheio. Foi o padre José Pimentel Velho, ouvidor eclesiástico em Santa Maria, que mandou construir, em terreno seu, a ermida de Nossa Senhora da Piedade. Um acto bom não pode ser pecado. E não foi, certamente. Mas, em sete de Março de 1630, ele fez um testamento em que deixava, com a recomendação de que não os vendessem e tratassem bem, Ana, escrava, Maria, sua mãe, e Cosme, escravo baço. Por melhor que ele mesmo os tivesse respeitado, Deus decerto não lhe haverá contado como virtude que fosse dono de gente. E, não sei porquê, dá-me em cismar que lhe teria custado menos a viagem para o outro mundo se pudesse levar consigo a sua escrava Ana...

De pedra e cal

A cor branca dessas casas arquitecturais sempre se deveu à cal da própria ilha, sendo os seu fornos uma presença frequente na paisagem. Mas o calcário e a abundância de fósseis marinhos provocaram nos visitantes apressados uma interpretação errada. Até em livros de estudo chegou a constar que Santa Maria não era de origem vulcânica como as outras ilhas dos Açores. Puro engano, como sabes. O que acontece é que ela é de formação muito mais antiga. A sua plataforma esteve submersa durante quatro milhões de anos. É esta que suporta o trabalho mais

recente dos vulcões, para sempre apagados, notando-se, bem nítida, a diferença entre uma época e outra, quando se alcança mais ou menos a cota das duas centenas de metros.

É interessante como, ainda na primeira metade do século XIX, o cônsul geral da Grã-Bretanha nos Açores, Thomas Carew Hunt, já descrevia estes fenómenos de um modo que não difere em muito do que poderá dizer um geólogo moderno. Transcrevo. Ah! mas para não te confundir, adianto, prevendo o caso de dúvidas, que “amigdalóide” é um tipo de rocha vulcânica em que a libertação de bolsas de gás deixou marcas visíveis, enquanto que “testáceos” se refere a conchas.

“Pode deduzir-se da formação desta ilha que dum primeira erupção submarina é que resultaram as duas camadas de basalto amigdalóide, que chegaram quase à flor da água, altura própria para a existência de mariscos, cujas conchas denunciam hoje o que seria então superfície do baixio. Depois de longos anos a trituração da amigdalóide e despojos testáceos produzira a areia em que os mariscos se enterrassem segundo seus hábitos peculiares; e a elevação da parte do baixio fora de água daria lugar a margens, e daí a calhau misturado com as conchas dos diversos mariscos que o habitavam.”

Essa “elevação do baixio” terá acontecido há cerca de outros quatro milhões de anos. Santa Maria estava praticamente completa, feita de pedra e cal.

VI EM NOME DE DEUS

“Em nome de Deus amém”. Assim começa, como muitos outros, o documento em que a Marquesa de Arronches arrenda a Manuel José Jácome Coutinho a redízima dos moinhos de Santa Maria. “Em nome de Deus” tinha o povo de assegurar, além do seu próprio sustento, a mesa, os palácios e todos os luxos das classes que lhe estavam acima. E, em tempo de carestia, era quase sempre só a ele mesmo que faltava o pão. D. Mariana de Sousa Tavares Mascarenhas da Silva raramente, ou talvez

nunca, visitaria aquela vila do Caia que, desde o século XIII, também tem por padroeira Nossa Senhora da Assunção. E decerto nunca pôs os pés em Santa Maria. Mas pertencia-lhe o direito à redízima dos moinhos da ilha. Por isso a arrendava por seis anos, e pelo valor de doze mil réis, a Manuel Coutinho, que vivia em São Miguel...

Ficava D Mariana com aqueles doze mil réis garantidos em cada ano, e poderia Manuel Coutinho ganhar ainda alguns se a redízima fosse mais que o valor pago à nobre dama. “*Este instrumento de arrendamento*” foi feito aos trinta dias do mês de Novembro de 1736, em “*Lisboa ocidental*”. É que Lisboa, não sei se sabes, estava nesse tempo dividida em duas partes, com uma diocese em cada lado. A de Ocidente tinha dignidade de patriarcal, com sede na Capela Real. Mania das grandezas de El-Rei D. João V...

Poderás dizer que os nobres muito contribuía com boas obras em favor do povo. Ou que era à nobreza, sobretudo, que cabia a defesa da terra. Nada mais do que devolução de parte do que ao povo era devido. E, dando-se até o caso de que as dízimas e os outros impostos normais não bastassem para alguma necessidade imprevista, a ordem real não mandava que a fidalguia contribuísse, mas que se fintasse o povo, que é como quem diz, que se aumentassem os ditos impostos. Era assim, por exemplo, com a pólvora e as munições dos fortes, como foi com as obras de reparação na igreja de São Pedro, em 1623.

Mas, se se tratava de obter dinheiro para as necessidades da Corte ou do Reino, os nossos monarcas eram capazes de grande imaginação. Como quando, em 1666, governava ainda D. Afonso VI – ou por ele o conde de Castelo Melhor, que no ano seguinte haveria de ser nomeado donatário de Santa Maria, sucedendo a Brás Soares de Sousa – foi recebida na Câmara de Vila do Porto uma ordem do contador da Real Fazenda da ilha de São Miguel, na qual, obedecendo a El-Rei, se dizia: “*toda a pessoa que tiver dinheiro o pode enviar à casa dos contos da*

alfândega desta cidade de Ponta Delgada onde se está cunhando todo o dinheiro". Por dinheiro entendia-se qualquer moeda *"em ouro deste Reino e prata e patacas e meias patacas moedas de cruzados e dois tostões e moedas de quatro vinte réis e dois vinténs velhos"*. Esse metal, fundido, transformar-se-ia em novas moedas, com um valor acrescentado de 25%, destinando-se 20% para as despesas da guerra e os restantes 5% para o próprio que entregara o dinheiro à fundição. Seria considerada falsa toda a moeda cunhada depois de terminado o prazo para a alquimia.

Não quer dizer que, de vez em quando, a Coroa não concedesse um ou outro privilégio. Mas o normal era que antes tivesse havido desgraça, de corsários ou outras. Foi assim que em 1646 D. João IV mandou suspender o pagamento da dízima, devido à grande *"falta de novidades"*. Mas em 1650 reclamava que as gentes de Santa Maria se descuidavam *"da contribuição dos seiscentos mil réis que couberam aos moradores dessa ilha para a despesa da guerra e porque havendo Deus Nosso Senhor melhorado os frutos e recolhendo-se abundância deles vos não dispondes a concorrer com a dita quantia"*, e concluía que era urgente o ajuste de contas, pois de contrário se haveria *"por mal servido"*.

A tua ilha viveu esquecida muitas vezes. Mas nunca perdeu a dignidade. Fez parte do Distrito Autónomo de Ponta Delgada pouco mais do que pela definição geográfica e pelos deveres a que estava obrigada. Não sei de nenhuma obra feita pela Junta Geral durante os treze anos em que nela vivi. À excepção da parte mais nobre da Vila e dos caminhos do Aeroporto, todas as estradas e ruas eram de terra. Mas assisti à recepção entusiástica ao Governador do Distrito, com banda de música, tapete de flores e foguetes...

Os sabores da fome

Não admira que este povo sofredor tenha chegado a meados do século XX manso e frugal, *"dando-se por satisfeito"*, como escreveu Jaime de Figueiredo, *"com o passadio rudimentar: gofe – farinha de milho torrado; cuscus – grãos de farinha cozida; pão de milho e leite de vaca; açorda de vinagre; caldo de funcho ou de hortelã; bolo da panela ou da assadeira; inhames cozidos ou assados; se há crias, leite de requeijão ou coalhado; caldo de nabos da terra; bonito de escala ou assado."*

É certo que, com o requintado tempero da saudade, essas coisas têm para mim sabores de iguaria. E talvez para ti também. Teriam o mesmo gosto na boca daqueles para quem não havia alternativas? Miguel de Unamuno chamava ao gofe, que nas Canárias se diz "gófiu" e era onde ele o conhecia, "esqueleto de pão". Mas era com aquela dieta parca e pouco variada que se mantinham ossos e músculos aos quais sem dúvida conviria mais variado sustento. Principalmente para vencer um solo capaz de bem recompensar – o único nos Açores onde crescem aqueles fantásticos nabos da terra – mas que exige muito suor que o adube.

Havia as breves excepções festivas, com um simples milho cozido pelos Santos; ou as cavacas, os biscoitos, a massa sovada, os coscorões e as malassadas nas outras festas ao longo do ano, tendo cada qual o seu tempo próprio. Além disso, Santa Maria é uma das ilhas onde melhor se sabe aproveitar o porco. Vi crescer muitos em Santana com lavagens aguadas, para serem alimentados nas últimas semanas com farinha, milho e abóboras, o que os fazia engordar cheios da banha que dava tempero à comida e energia aos corpos. Nada se desaproveitava. A cabeça, por exemplo, era o essencial nas excelentes alheiras. E os "molhos" são uma prova absoluta de que o todo pode ser muito superior à soma das partes. Junte-se arroz com pedacinhos das vísceras,

pele e carne, acrescente-se especiarias no necessário equilíbrio, sem esquecer a salsa, coza-se dentro do bucho, e assim se obtém aquilo que, para mim, é a suprema delícia.

VII TEMPOS E TEMPLOS

Para que um monumento tenha valor histórico, não é necessário que ele seja grande pelo volume nem pela qualidade artística. Bastaria uma pedra, só uma pedra, que não duvidássemos de ter sido a primeira que Gonçalo Velho Cabral pisou em Santa Maria, e essa pedra seria o mais importante monumento da história dos Açores.

Ainda eu não sabia que existias quando, naquela rua que tem o seu nome e que era a tua, vi as estranhas casas, já então anunciando ruína, tão antigas que havia até quem julgasse terem pertencido aos capitães-donatários. Admirei-as na sua diferença, percebi-lhes uma idade a merecer respeito, e nunca passei à frente delas sem as olhar com alguma demora e um certo fascínio.

A tua ilha tinha condições para haver guardado todas as memórias construídas desde a primeira casa de pedra que abrigou gente. Santa Maria treme pouco, sendo praticamente tão segura como o Corvo, onde a terra nunca mexeu desde que é habitada, ou como as Flores, que só registou um pequeno sismo, em 1793. Por isso é pena que muitos dos que hoje seriam para nós veneráveis monumentos tenham sido destruídos pelos homens ou por causa da sua incúria. É certo que eles não saberiam que estaríamos tão interessados nessas relíquias do passado, mas isso não alivia a nossa sensação de perda.

Espero que o meu bom amigo Miguel de Figueiredo Côrte-Real desculpe que eu me valha da relação que ele fez de algumas das mais importantes marcas da história mariense que foram sendo diluídas ou apagadas. Eis o que ele escreveu:

“Do que então houve de curioso no aspecto arquitectónico desta vila pouco resta. Aos poucos os marienses foram destruindo o que havia

ou, e se os prédios se arruinavam e não tendo meios para os reconstruir, os abandonavam até caírem totalmente. Vamos citar alguns edifícios desaparecidos ou actualmente em ruínas: Casa de África Anes; Casa da Pólvora ou Paiol (vulgo Casa do Gorgulho, homem pobre que aí pernoitava), acima da ermida da Conceição, no largo do castelo de São Brás; Casa de Miguel de Figueiredo de Lemos, onde nasceu o bispo D. Miguel de Figueiredo de Lemos; Pelourinho, onde se construiu um fontenário incaracterístico; primeiro e segundo edifícios onde funcionou a Câmara Municipal; Convento da Conceição, expropriado para a construção do edifício dos C.T.T.; Igreja de Nossa Senhora da Vitória e as capelas anexas dos Terceiros, do Senhor do Bonfim e a erguida por Manuel Curvelo da Costa, entaipadas a blocos de cimento; Convento de Santo António, actualmente Biblioteca Municipal; Ermidas do Livramento e da Boa Nova; alguns Passos pertencentes à Misericórdia.”

Estes edifícios seriam em si mesmos um bom resumo da história da Vila e da própria ilha. O Convento, ou Recolhimento, de Santo António, tal como o de Santa Maria Madalena, são testemunhos dramáticos das injustiças sociais que havia entre as próprias classe da fidalguia. É que, se os pobres morriam sem nada terem para os filhos herdarem, ao menos deixavam-lhes hábitos de trabalho, que era uma obrigação para eles e uma desonra para os nobres. Quanto aos fidalgos, era o filho mais velho que recebia os títulos e a riqueza, pelo que a muitos não restava mais que a carreira militar, a administração pública ou a vida como clérigos. Para as raparigas, a hipótese quase única, se não tivessem a sorte de serem as primogénitas e não haver filhos na família nem surgisse um casamento de conveniência, era a reclusão claustral.

Aqueles dois conventos foram criados para recolher as filhas e outras parentes pobres dos fundadores. O de Santa Maria Madalena é o mais antigo, de 1594, tendo o de Santo António recebido as primeiras

ingressas em 1689. Da acta da sua entrada na clausura, começada “*In nomine Christi Amen*”, consta que para lá foram três recolhidas do outro convento, para orientarem as neófitas nos primeiros tempos do resto da sua vida. Eram estas as quatro filhas de André Fernandes de Almada, fundador e protector do convento, e outras seis raparigas, todas muito jovens, havendo entre elas uma menina de nove anos e outra de oito.

Destes dois conventos pouco mais resta que a sua parte mais nobre, a igreja. Mas a de um e outro muito bem restauradas, como se estivessem acabadas de estrear.

Por falar em restauros bem feitos, nem imaginas como gostei de ver uma fotografia da ermida de Monserrate, templo de devoção secreta e testemunha dos meus jogos de índios e cowboys na mata de ali ao lado. Ao ver uma outra foto, do ano 2000, eu ficara desolado. As próprias ruínas já eram ruínas de si mesmas! Ah! mas conservara-se, como que por milagre, a moita de junquinhos que ali existia há meio século. Eu conto-te a minha história dessas flores de Inverno. Na véspera de um dia de Natal, vi que a irmã do padre Artur estava arranjando o altar para a Missa do Galo mas não tinha flores. Saí da capela de Nossa Senhora do Ar a correr, e fui a Monserrate onde eu sabia haver os tais junquinhos. Mas cheguei tarde. Alguém já os cortara todos. Ajoelhei-me à porta da ermida e rezei para que houvesse quem arranjasse flores para o altar da Senhora. Quando regresssei à capela, estava lá um braçado de junquinhos em quantidade semelhante à que imaginara que haveria de trazer. Talvez os mesmos, quem sabe?

As obras de restauro da ermida de Monserrate obrigaram à destruição dos meus junquinhos. Mas bem hajam as mãos que a ergueram das ruínas.

Eu não compreendia por que razão as ermidas como esta, ou como a de Nossa Senhora da Boa Viagem, ou a da Saúde, estavam sempre fechadas. Ou tantas outras das cerca de quatro dezenas que há

pela ilha fora. Sobretudo a igreja de Santo Antão, onde a Vila começa a acabar, construída em 1933 no mesmo lugar da ermida que era obra do século XVI. Para mim um templo era para estar aberto, com Deus ou os seus santos lá dentro à espera de uma visita.

Para isso, na Vila, havia apenas a Matriz. E, quando nesta não estava ninguém em oração, ficava de sentinela ao Santíssimo um belo lampadário de prata, oferecido por Brás Soares de Sousa, quinto capitão-donatário. Há quatro séculos que ele reza por quem não pode ou não o quer fazer.

No arquivo da Matriz está guardado o registo de que, tal como minha irmã, nela recebi o sacramento da Confirmação. Tinha eu sete anos, e nem comungara ainda. Mas o padre António Rodrigues, grande músico e cantor, natural da minha terra e que era pároco em Almagreira, convenceu o padre Virgínio de que eu já tinha uso de razão suficiente para ser crismado. Na mesma visita pastoral, que foi em Julho de 1951, D. Guilherme Augusto da Cunha Guimarães sagrou solenemente esta igreja de Nossa Senhora da Assunção, cujo dogma Pio XII definira em Novembro do ano anterior.

Ora vê lá a piedosa sabedoria do povo que, mal ergueu uma ermida nos Açores a encomendou à protecção de Nossa Senhora dos Anjos, e, ao construir a primeira igreja matriz, a dedicou a Nossa Senhora da Assunção. Dois modos de invocar o mesmo mistério, que só se tornaria proposição de fé cinco séculos mais tarde. Também a crença na Imaculada Conceição ficou desde muito cedo firmada e afirmada na ermida do forte de São Brás, enquanto que a Igreja só em 1854 reconheceu esta verdade intuída durante muitos séculos. E ambos os mistérios fazem parte da História de Portugal desde que Portugal começou a ter História.

Estêvão da Ponte foi o encarregado das obras de alvenaria da tua Matriz, sendo João Roiz, morador em Vila Franca, quem teve a seu cargo

a carpintaria. Os principais responsáveis pela construção foram os vereadores João Tomé, dito o Amo, e Rui Fernandes, Ouvidor do capitão-donatário, ambos “lavradores e homens principais da terra”, no dizer de Frutuoso

Mas, se é certo que a Vila está cheia de memórias em pedra que merecem a veneração devida a cada um dos tempos que assinalam, o maior monumento é ela mesma, o mais medieval e renascentista dos burgos açorianos. Levantada entre duas ribeiras e de difícil conquista para quem viesse pelo mar, começa lá em baixo, no forte de São Brás, que a protegia com os canhões e a Senhora da Conceição. E, apesar de alguns momentos de aparente descuido, São Matias, o apóstolo escolhido para substituir aquele que entregara Cristo e que ocupa lugar de honra num altar à direita de Nossa Senhora da Assunção, também tem cumprido o seu dever de protector da vila e da ilha, desde há mais de cinco séculos. Depois da rua de Gonçalo Velho, a Vila toma ares de liberdade naquela que passou a chamar-se de Teófilo Braga, e que é sem dúvida uma das mais largas que em Portugal existem com a mesma idade. O próprio Dr. Gaspar Frutuoso não disfarçou a sua admiração por tão notável grandeza, ao escrever “Acima da igreja principal, para dentro da terra, ficam algumas casas, as mais delas de palha, em um caminho a modo de rua muito larga, que vai correndo entre sarrados e acabar antes que chegue a uma ermida de Santo Antão, que está em um alto...”

VIII EXTERNATO DE SANTA MARIA

Se não nos houvéssemos mudado para Santana, eu não teria passado da 4ª classe, certamente. Na minha corrida habitual, saltando dois muros e a barreira de arame que delimitava a zona habitada do Aeroporto, o Externato ficava a poucos minutos. Se morasse na Ribeira do Engenho, não me dariam os pés para tanto caminho. Como bem sabes, Santana era um povoado no meio de pastagens áridas, rodeadas de muros por todos os lados, e para sair ou entrar nela não se podia

fugir ao exercício de vencer essas barreiras. A canada que dava para a Vila era apenas, em certos troços, o leito de uma ribeira torrencial. A vizinhança do progresso chegou de repente com o Aeroporto, mas, além de não haver um palmo de estrada, ninguém tinha electricidade nem água canalizada. Havia três fontanários, dois deles a distância equivalente em relação à nossa casa. Mas pareciam-me longe, muito longe, sobretudo no regresso, com a água a chocalhar no balde. Essa distância, porém, foi encurtando à medida que as minhas pernas cresceram e a força dos braços aumentou.

Quando fomos para lá, a seguir ao Natal de 1950, eu já frequentara a escola em São Pedro, mas não estava matriculado por não ter ainda sete anos. O professor, uma personagem assustadora, não me ensinara nada, penso mesmo que nunca falara comigo sequer. Eu ficava para ali sentado o dia todo, nas primeiras vezes ainda a secar as lágrimas depois de chegar. Em Santana, a D. Eduarda, professora regente mas tão capaz como as melhores, arranjou maneira de eu figurar nos mapas de matrícula. E lá fui por ali adiante até à 4ª classe. Foi no ano desta que tive a primeira professora “oficial”, a D. Francisca, que não passava de uma rapariga de vinte anos, bonita e paciente, vinda do Faial para o que talvez lhe parecesse um degredo. Mas acabou por se apaixonar pela ilha. Apesar das tormentosas travessias das torrentes em dias de cheia, depois da lama dos atalhos, quantas vezes sob chuva, vento e frio intensos. Então passar a ribeira de Santana era uma saga de arrepiar. Só havia duas hipóteses: ou pelo Poço do Carro ou pela ponte por trás da escola. Pelo Poço do Carro, a D. Francisca foi várias vezes numa cadeira, levada às costas dos rapazes mais fortes da 4ª classe; pela ponte, ela ia com o coração à rédea solta, em pânico, porque a água fazia um turbilhão estrondoso resvés com as tábuas que restavam, algumas soltas, e todas tortas e ameaçando partir-se a cada passada. Éramos trinta e tal alunos entre os seis e os catorze anos, dos dois sexos e das

quatro classes. Mas, nesse tempo, ainda havia milagres. A D. Francisca foi um deles.

Não continuei os estudos logo nesse ano. Minha irmã, que tinha boa cabeça, ficara por casa, aprendendo com minha mãe as artes da costura e da cozinha, depressa ganhando à-vontade até nas mais requintadas receitas marienses, das tais que não há em mais nenhuma destas ilhas. As propinas equivaliam a um terço do que meu pai ganhava, e primeiro era preciso pensar em estar vivo... Já perto da época do exame de admissão ao Liceu, no ano seguinte, é que ele decidiu que eu não ficaria por ali. Ao contrário do que era hábito, não tive explicador. Pegava na gramática de Tomás de Barros e, enquanto as vacas pastavam e eu as vigiava, ia recordando o que aprendera com a D. Francisca e a D. Úrsula, pois na 3ª classe já se estudavam coisas que agora nem a universidade ensina.

Tivemos a sorte de, no Externato, me ser dispensado o pagamento das propinas. Não sei se nisso houve alguma influência de meu padrinho Dédalo Leitão, que era secretário lá. E não penses que o escolhêramos para meu padrinho, e a mulher, Helena, para madrinha da minha irmã, por mero interesse de pobres. Quando eles foram para Santa Maria, moraram primeiro connosco na casa de S. Pedro, e daí ficou a amizade. Mas não é difícil supor que o próprio Dr. Bento Rodrigues tivesse decidido fazer essa concessão bondosa. Era um homem extraordinário, daqueles que são um dom de Deus na nossa vida. E o Externato de Santa Maria foi o “colégio” mais respeitável dos Açores. De tal maneira que nos primeiros doze anos de funcionamento foram aprovados todos os alunos mandados a exame do 2º ano e do 5º ao Liceu de Ponta Delgada. Ainda um dia destes recordei esse feito notável, em conversa de saudade com o Sr. Israel, outro dos homens bons a quem devo parte da minha formação ética e cultural. Não sei se algum já fora professor antes. Sei que eram todos muito novos e, com poucas excepções,

grandes mestres. O Externato, sob a direcção do Dr. Bento Rodrigues, que ainda nem sequer tinha trinta anos, fora fundado em 1949, menos de um século depois de, conforme deixou escrito António Bonifácio Júlio Guerra (exilado na ilha por ser miguelista), terem terminado o ano lectivo de 1850/51 apenas quarenta e um alunos na única escola que havia na ilha. Especialista em Meteorologia, os trabalhos científicos do Dr. Bento Rodrigues foram reconhecidos a nível internacional. Era professor de Físico-Químicas, e de uma competência admirável. Pedagogo por intuição, sabia resolver qualquer conflito sem elevação de voz nem exaltações. Ah! disso sabes tu bem. Mas havias de o ter visto julgar um caso de desobediência colectiva às normas estabelecidas. Foi por termos estado a jogar futebol no recinto do recreio, o que era proibido devido à atracção fatal das bolas pelos vidros. Confesso que entrei cheio de temor no seu gabinete. E, quando ele disse que íamos pagar uma multa, fiquei como se não tivesse pinga de sangue. Depois, na sua voz grave, concluído o circunlóquio conveniente, ditou a sentença. Teríamos de comprar, cada um, um escudo de selos da luta contra a tuberculose. O sangue voltou-me à normalidade e a alma ao seu lugar. O Dr. Bento Rodrigues fez uma pausa, e disse “um escudo é muito”. E reduziu a pena para três selos, sessenta centavos.

Podes ter a certeza de que ninguém como ele merecia que a Escola oficial que sucedeu ao Externato tivesse o seu nome.

Seria de justiça louvar muitos dos nossos professores e professoras, a começar pela D. Mariana, sua mulher, mas fico apenas por mais dois como símbolo de todos. O senhor Duarte Nuno, o nosso mestre em ginástica e aeromodelismo, homem de uma honestidade exemplar, foi infelizmente mal recompensado quando alguns que entenderam às avessas o 25 de Abril o expulsaram da ilha, acosando-o como perigoso comunista. E ele que se limitara sempre a ser justo sem comprometer o seu conceito de justiça com a cartilha de nenhum partido! Encontrei-o

em Lisboa algumas vezes, e não se lhe notava qualquer ressentimento. E a D. Sara! Sim, a D. Sara Andrade, a nossa professora de Português, História e Francês. O seu coração era tão grande quão grandes eram a sua inteligência e a sua cultura. Foi a ela que pela primeira vez ouvi falar na teoria da Relatividade. Teve muita pena de não poder preparar-me para o 5º ano. E eu também.

O tempo do Externato foi, sem dúvida, o melhor dos nossos bons velhos tempos. E, como na memória não se fazem ruínas, o nosso “colégio” está de pé ainda, cheio de vida e alegria, com a Manuela Franco Ferreira a pregar partidas aos rapazes, e os mais velhos a pregarem partidas aos professores. A D. Sara continua a comparar-me ao João Villaret, depois de eu ter feito a parte do Telmo na leitura do *Frei Luís de Sousa*. E ainda lá está também, em contraste com a grandeza física e mental do Dr. Bento Rodrigues, o seu minúsculo Goggomobil, com um balão de hidrogénio pegado ao tejadilho, e alguém a dizer-lhe que o carro, assim, corria risco de levantar voo. E o sorriso bonacheirão do Dr. Bento Rodrigues a aceitar a graça com bonomia, porque ele já tivera quinze anos.

IX PATRIMÓNIO DA NOSSA HUMANIDADE

“Vamos às casolas?” Arranjávamos um espeto, e íamos. “Casola” era o nome que dávamos às toscas construções de barro, feitas pelas abelhas solitárias em buracos nas pedras. Em cada uma havia vários favos, com uma mistura acastanhada de néctar e pólen e um ovo que não se via à vista desarmada. Às vezes encontrávamos abelhinhas já desenvolvidas, e a gulodice ficava adiada até um achado mais feliz. Essas eram das poucas ocasiões em que as nossas brincadeiras perturbavam a vida normal na Natureza. E os adultos respeitavam-na com o mesmo cuidado.

À vida do mar e da terra só se tirava o que era necessário. E das recordações que mais me vêm à memória estão as vejas, vermelhas as

fêmeas e cinzentas os machos, muito belas umas e outras, e o sal, formado naturalmente em pequenas poças durante o Verão, que se ia buscar à Cagarra para salgar os porcos. Ou a fartura de bonitos e o sabor de todos os peixes que abundavam à volta da ilha. A terra era igualmente poupada, para que não se cansasse e continuasse a produzir em cada ano desde os nabos até ao trigo.

O trigo! Pergunta-me um cheiro e um gosto, e eu direi sempre o mesmo: os do pão desse trigo, que minha mãe cozia em casa da vizinha Maria José Figueiredo, porque a nossa não tinha forno.

Todos éramos guardiões dos lugares onde vivíamos, e por isso nesse tempo não era preciso haver zonas classificadas e protegidas oficialmente. Mas agora é. E assim se criaram as reservas naturais ou zonas de protecção de São Lourenço, do Figueiral, da Ponta do Castelo, do Ilhéu da Vila ou do Barreiro da Faneca.

Falta uma classificação, sem dúvida merecida e talvez necessária. As casas típicas de Santa Maria são dos melhores exemplos de como foi possível viverem as pessoas como que fazendo parte natural da terra a que pertenciam. E, como eu não seria capaz de o dizer tão bem, cito outra vez o arquitecto Ricardo Martins de Freitas, que as sugere para Património da Humanidade: “Quando nada mais se queria que dar tecto a famílias de fracos recursos, da modéstia se fez primazia e se tornou o mundo um lugar melhor. /.../ E esse mundo único não devia correr o risco de acabar.”

Para que não aconteça como aconteceu com os oleiros, os fornos de telha ou os formos de cal. Passaram a ser nome de rua, tornaram-se ruínas. E tudo em Santa Maria é demasiado precioso para que alguma coisa se perca.

X “ATÉ LOGO”

Um dia contei-te aquela anedota verdadeira da minha colega que, aos dezanove anos, praticamente em vão teimava ainda em aprender

alguma coisa. Num exercício escrito de Ciências Naturais, ela disse: “Do fígado do atum faz-se óleo de fígado de bacalhau.” Esperei a tua gargalhada, e continuaste com um ar sério. Pensei que não tivesses prestado atenção. Mas adivinhaste o meu pensamento e repreendeste-me: “As cabeças não são todas iguais. Dá graças a Deus pela que Ele te deu.” Surpreendido, apenas me ocorreu responder: “E tu pela tua.” Sorriste e despediste-te como de costume, mesmo que fosse Sábado ou o último dia de aulas antes de férias: “Até logo.”

Enquanto te via descer a rua, fiquei a pensar em outra história tão real como esta, acontecida numa tarde fria de Inverno. Eu fora buscar água à fonte do meio em Santana. Estava lá uma rapariguinha a encher uma lata. Morava numa das casas mesmo ao pé da fonte, do outro lado da canada. Não sei de onde viera a família nem me lembro de a ter visto na escola. Mas era gente muito pobre. De súbito, uma rajada de vento levantou-lhe a saia de chita, mostrando, por um brevíssimo instante, as nádegas totalmente nuas. Ela segurou a saia e fugiu de imediato para casa, envergonhada, deixando atrás a lata. Tu tiveras razão em não rir da história que eu te contara, talvez mais ainda do que eu para ficar triste naquela tarde na fonte. A pobreza de inteligência é mais irremediável do que qualquer outra.

Muita gente da que procurou uma vida decente em Santa Maria não conseguiu encontrá-la. E a riqueza que se passeava de um lado para o outro do Atlântico passou lá um dia mais opulenta ainda. 26 de Outubro de 1958. O primeiro voo intercontinental de um Boeing 707 da Pan American. Metade da ilha foi apreciar o colosso que vinha destronar os Clipper e os Constellation. Ficámos todos maravilhados. Ninguém se apercebeu de que o gigante a jacto anunciava o princípio do fim da importância da ilha como ponto de ligação entre dois mundos. Dos mais de treze mil habitantes, a maior parte dos que não eram de lá foram

voltando para as suas terras. E foi igualmente o descalabro da emigração, até aos muito menos que seis mil de agora.

Também chegou a vez de a tua família ser levada por um Boeing 707. Afinal vocês não eram tão ricos como eu pensava. Mas, para mim, bastava alguém viver numa casa que protegesse bem do frio e da chuva, que tivesse água e electricidade, para eu julgar que era gente rica.

Não sei se terás levado muito tempo até encontrar em Hudson um amigo de quem teu pai dissesse que ficava descansado quando sabia que estavas com ele. E não sei se gostaria de voltar a ver-te. Temo que, à semelhança de uma das minhas personagens de ficção – no encontro com uma amiga da juventude já distante –, também eu pensasse: “Meu Deus, como estou velho!”

Amei-te o bastante para não sentir remorsos.

“Até logo.”

EXCERTOS DE SANTA MARIA ILHA-MÃE ED. VERAÇOR 2007

regressar